

FEZ

ELITE
PRÉ-VESTIBULAR
c a m p i n a s

Aprovou!

Elite Resolve

UNIFESP 2011

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

HUMANIDADES

www.elitecampinas.com.br

os melhores **gabaritos** da internet

LÍNGUA PORTUGUESA

QUESTÃO 01

Leia os textos.

Texto A

Outrora uma novela romântica, em lugar de estudar o homem, inventava-o. Hoje o romance estuda-o na sua realidade social. Outrora no drama, no romance, concebia-se o jogo das paixões a priori; hoje analisa-se a posteriori, por processos tão exatos como os da própria fisiologia. Desde que se descobriu que a lei que rege os corpos brutos é a mesma que rege os seres vivos, que a constituição intrínseca de uma pedra obedeceu às mesmas leis que a constituição do espírito duma donzela, que há no mundo uma fenomenalidade única, que a lei que rege os movimentos dos mundos não difere da lei que rege as paixões humanas, o romance, em lugar de imaginar, tinha simplesmente de observar. O verdadeiro autor do naturalismo não é pois Zola – é Claude Bernard. A arte tornou-se o estudo dos fenômenos vivos e não a idealização das imaginações inatas...*

* Claude Bernard (1813-1878) foi importante médico e fisiologista francês.

(Eça de Queirós. *Idealismo e Realismo*.)

Texto B

Tinham passado três anos quando [Luísa] conheceu Jorge. Ao princípio não lhe agradou. Não gostava dos homens barbados; depois percebeu que era a primeira barba, fina, rente, muito macia decerto; começou a admirar os seus olhos, a sua frescura. E sem o amar, sentia ao pé dele como uma fraqueza, uma dependência e uma quebreira, uma vontade de adormecer encostada ao seu ombro, e de ficar assim muitos anos, confortável, sem receio de nada. Que sensação quando ele lhe disse: Vamos casar, hem! Viu de repente o rosto barbado, com os olhos muito luzidios, sobre o mesmo travesseiro, ao pé do seu! Fez-se escarlate. Jorge tinha-lhe tomado a mão; ela sentia o calor daquela palma larga penetrá-la, tomar posse dela; disse que sim; ficou como idiota, e sentia debaixo do vestido de merino dilatarem-se docemente os seus seios. Estava noiva, enfim! Que alegria, que descanso para a mamã!

(Eça de Queirós. *O primo Basílio*.)

a) Vistas à luz dos princípios teóricos expostos no texto A, qual o sentido das reações de Luísa diante de Jorge e de seu pedido de casamento (texto B)?

b) Reescreva as seguintes frases do texto B, substituindo os termos destacados por outros que não alterem o sentido que possuem no texto original:

Ao princípio não lhe agradou.

Que sensação quando ele lhe disse: (...)

Resolução

a) Os dois textos de Eça de Queirós correspondem ao seu período de inserção no Movimento Realista-Naturalista português. O primeiro texto, ao citar Claude Bernard como o “verdadeiro autor” do naturalismo, apresenta a tendência positivista e cientificista que permeia a cosmovisão do autor português. Tal texto é um manifesto em que Eça discorre sobre as características que deveriam diferenciar o Realismo-Naturalismo da produção Romântica. O movimento deveria se constituir como uma ciência reveladora da *fisiologia* do caráter humano e das relações sociais do século XIX. Essa atitude anti-romântica se reflete na construção de personagens, revelando caracteres incômodos à sociedade, atitudes que descaracterizassem a moral burguesa e cristã presentes à época. O narrador por sua vez, em terceira pessoa, mais que julgar ou demonstrar emoções, deveria revelar minuciosamente as atitudes evidentes e obscuras das personagens. Prova disso é a fusão entre as perspectivas sensoriais de Luísa, corpo e mente: “[...] ficou como idiota, e sentia debaixo do vestido merino **dilatarem-se docemente os seus seios**. Estava noiva, enfim! **Que alegria**, que descanso para a mamã!”

Estes conceitos dialogam com o texto A que expressa a necessidade de objetividade e cientificismo a ponto de comparar corpos brutos e o espírito de uma donzela: “[...] desde que se descobriu que a lei que rege os corpos brutos é a mesma que rege os seres vivos, que a constituição intrínseca de uma pedra obedeceu às mesmas leis que a constituição do espírito duma donzela, o que há no mundo é uma fenomenalidade única, [...]”.

b) A questão exigia que o candidato observasse o uso dos pronomes e explicitasse seus respectivos referentes. Deste modo, temos que:

I - “Ao princípio não **lhe** agradou.”

O pronome oblíquo átono **lhe** é o que já se apresenta na forma contraída, ou seja, houve a união entre o pronome **o** ou **a** e preposição **a** ou **para**. Por acompanhar diretamente uma preposição, o pronome **lhe** exerce sempre a função de objeto indireto na oração. Sendo assim, fica evidente que o termo em destaque pode ser substituído por “à Luísa” (*Ao princípio não agradou à Luísa*). Tal afirmativa confirma-se com a leitura do período seguinte: “*Não gostava de homens barbados*”, retificando a visão desgostosa da personagem romântica com relação aos homens que usam barba.

II – “Que sensação quando **ele** lhe disse: (...)”

Aqui o pronome pessoal do caso reto **ele** exerce a função de sujeito na oração (aquele que fez a ação de dizer algo à Luísa), logo pode ser substituído pelo nome próprio do personagem em questão: Jorge. (*Que sensação quando Jorge lhe disse: (...)*).

QUESTÃO 02

Leia o poema.

*De linho e rosas brancas vais vestido,
sonho virgem que cantas no meu peito!...
És do Luar o claro deus eleito,
das estrelas puríssimas nascido.*

*Por caminho aromal, enfiado,
alvo, sereno, límpido, direito,
segues radiante, no esplendor perfeito,
no perfeito esplendor indefinido...*

*As aves sonorizam-te o caminho...
E as vestes frescas, do mais puro linho
e as rosas brancas dão-te um ar nevado...*

*No entanto, ó Sonho branco de quermesse!
Nessa alegria em que tu vais, parece
que vais infantilmente amortalhado!
(Cruz e Sousa. *Sonho Branco*.)*

a) Identifique o movimento literário ao qual está associado o poema, apontando uma característica típica dessa tendência. Transcreva um verso ou fragmento do poema que exemplifique sua resposta.

b) Liste, de um lado, dois substantivos e, de outro, quatro adjetivos, dispersos ao longo do poema para criar sua atmosfera luminosa e etérea, ao gosto do movimento literário em que se insere. Identifique os versos que, em certo momento, criam uma tensão em relação à trajetória pura e vivificante do poema, introduzindo uma nota sombria em sua atmosfera.

Resolução

a) O poema pertence ao movimento literário conhecido como Simbolismo. A identificação era possível por meio da observação do autor Cruz e Souza, que recebeu a alcunha de “Dante Negro” ou “Cisne Negro” e foi um dos grandes e principais poetas desta escola literária no Brasil. Outra forma de localizar o período do poema corretamente era atentar para suas características centrais que vão explorar os ideais do Simbolismo: **subjativismo, musicalidade, transcendentalismo, presença de elementos vagos e sugestivos, uso de sinestesia**.

Como exemplo de **subjativismo** pode ser transcrito o verso 2 “*sonho virgem que cantas no meu peito*”; para **musicalidade**, temos o verso 9 “*as aves sonorizam-te o caminho...*”, além da presença de aliterações em “s” sibilante que se reproduzem ao longo do poema, enfatizando o efeito musical e sonoro; para o **transcedentalismo**, pode-se selecionar o verso 3 “*És do luar o claro deus eleito*”, já que neste verso o sonho é aproximado da imagem de um deus, elevando o que se passa dentro do personagem a um plano místico, extrapolando o plano terreno; para **vaguidão e sugestão**, pode-se apresentar o verso 8 “*no perfeito esplendor indefinido*”, verso que intensifica os elementos oníricos e subjetivos do soneto; a presença de sinestesia se revela no verso 5 “*Por caminho aromal (olfato), enfiado (visão)*”.

b) O enunciado solicitava uma listagem paralela composta por substantivos (aquilo que nomeia) e adjetivos (aquilo que caracteriza) e que tais palavras estivessem dispersas no poema, a fim de criar o sentido luminoso do texto. Desta forma, temos algumas possibilidades de seleção dos substantivos: *rosas* (versos 1 e 11) e *linho* (versos 1 e 10) que podem conotar aspectos positivos, bem como *luar* (verso 3), *deus* (verso 3) e *estrelas* (verso 4); e os adjetivos possíveis são:

brancas (versos 1 e 11), nevado (verso 11), puro (verso 10) e alvo (verso 6).

Com relação à nota sombria que paira sobre o poema, é identificável nos dois versos finais do último quarteto: “Nessa alegria em que tu vais, parece / que vais infantilmente **amortalhado**”. Tal perspectiva negativa se dá em razão da palavra **amortalhado** (envolto em mortalha, ou seja, no lençol que se envolve um morto, um sudário). A nota sombria é intensificada por dois elementos: o uso da locução conjuntiva “No entanto” que inaugura o segundo terceto, revelando uma oposição entre este trecho e o restante da poesia; e a associação paradoxal de *infantilmente* a *amortalhado* no último verso: associação entre um signo geralmente positivo e que pode conotar esperança ou vida (infantil) e outro que pode revelar uma conotação negativa, de desesperança (morte). Tal associação pouco usual é também característica do Simbolismo, podendo inclusive ser citada no item a.

QUESTÃO 03

Leia o texto.

A nossa instrução pública cada vez que é reformada, reserva para o observador surpresas admiráveis. Não há oito dias, fui apresentado a um moço, aí dos seus vinte e poucos anos, bem posto em roupas, anéis, gravatas, bengalas, etc. O meu amigo Seráfico Falcote, estudante, disse-me o amigo comum que nos pôs em relações mútuas.

O Senhor Falcote logo nos convidou a tomar qualquer coisa e fomos os três a uma confeitaria. Ao sentar-se, assim falou o anfitrião:

– Caxero traz aí qualquer coisa de bebê e comê.

Pensei de mim para mim: esse moço foi criado na roça, por isso adquiriu esse modo feio de falar. Vieram as bebidas e ele disse ao nosso amigo:

– Não sabe Cunugunde: o véio tá i.

O nosso amigo comum respondeu:

– Deves então andar bem de dinheiros.

– Quá ele tá i nós não arranja nada. Quando escrevo é aquela certeza. De boca, não se cava... O véio óia, óia e dá o fora.

(...)

Esse estudante era a coisa mais preciosa que tinha encontrado na minha vida. Como era ilustrado! Como falava bem! Que magnífico deputado não iria dar? Um figurão para o partido da Rapadura.

O nosso amigo indagou dele em certo momento:

– Quando te formas?

– No ano que vem.

Caí das nuvens. Este homem já tinha passado tantos exames e falava daquela forma e tinha tão firmes conhecimentos!

O nosso amigo indagou ainda:

– Tens tido boas notas?

– Tudo. Espero tirá a medáia.

(Lima Barreto. Quase doutor.)

a) Tendo em vista o conceito contemporâneo de variação linguística, que ensina a considerar de maneira equânime as diferentes formas do discurso, avalie a atitude do narrador em relação à personagem Falcote, expressa na seguinte frase: (...) esse moço foi criado na roça, por isso adquiriu esse modo feio de falar.

b) Reescreva na norma-padrão – *Caxero traz aí qualquer coisa de bebê e comê* e em seguida transcreva um trecho da crônica em que se manifesta a *atitude irônica* do narrador.

Resolução

a) O período articula dois itens arraigados ao preconceito linguístico em nosso país: pessoas provenientes de regiões agrícolas, campestres ou distantes da urbanização e a suposta ausência de instrução escolar formal. Estes dois dados configuram a narcisista ideia de que o modo de falar desta parcela da população é errada.

A percepção ainda muito presa aos conceitos clássicos (de que tudo que é bom, também é certo e belo) incide sobre o pensamento do narrador, que toma como único e verdadeiro ponto de partida o seu posicionamento em relação ao mundo e julgamento de valor ao que o cerca. Justamente por isso, a declaração exprime uma arrogância narcisista, supostamente superior ao daqueles que diferem em nível educacional ou regional.

Logo, a sentença: “[...] esse moço foi criado na roça, por isso adquiriu esse modo feio de falar”. resume essa “condenação linguística” ao expor como “feio”, “errado”, o modo de falar do personagem e tenta justificar tal erro por meio da procedência de Falcote.

b) A oração reescrita dentro da norma-padrão fica da seguinte maneira: “– *Caixeiro (Garçom ou Balconista), traga-nos qualquer coisa para bebermos e comerms*”.

É importante ressaltar que a forma como o período foi originalmente escrito (“– *Caxero, traz aí qualquer coisa de bebê e comê*”) evidencia alterações ortográficas com a intenção de reproduzir efeitos fonéticos e prosódicos típicas da fala, o que não modifica o valor sintático da palavras e não incorre em erro linguístico. A escolha do autor em reproduzir na escrita tais mudanças (por exemplo, a supressão do R final nos dois verbos e no pronome, respectivamente: *bebe/comer – qualquer*) revela uma opção estratégica para registrar a questão do preconceito linguístico no texto.

Por sua vez, o pensamento irônico do narrador só toma forma quando compreendida a sua linha de raciocínio discriminadora: uma vez que Falcote falava “feio” e isto se “justificava” por sua origem campestre (roça), esperava-se que ele aprendesse a “falar bem/bonito” ao concluir seus estudos formais. Contudo, isso não ocorre e este fato permite que o narrador extravase a sua frustração em tom irônico: “[...] *Caí das nuvens*.” ou seja, perdeu a ilusão de “salvação” a respeito do estudante. E em: “*Este homem já tinha passado tantos exames e falava daquela forma e tinha tão firmes conhecimentos!*[...]”. Deve-se atentar para o advérbio “já” que opera como elemento intensificador elevando a expectativa da enunciação, a primeira conjunção “e”, habitualmente utilizada com valor aditivo, aqui é empregada em substituição a uma adversativa (mas, porém, contudo), o que revela o deslocamento do sentido das orações subsequentes.

Além dessa ironia, é possível identificar outros trechos em que esse recurso se faz notável, por exemplo: “Como era ilustrado! Como falava bem! Que magnífico deputado não iria dar?”, trecho em que o narrador claramente diz o oposto daquilo que pensa.

QUESTÃO 04

Leia o texto.

Fazia um mês que eu chegara ao colégio. Um mês de um duro aprendizado que me custara suores frios. Tinha também ganho o meu apelido: chamavam-me de Doidinho. O meu nervoso, a minha impaciência mórbida de não parar em um lugar, de fazer tudo às carreiras, os meus recolhimentos, os meus choros inexplicáveis, me batizaram assim pela segunda vez. Só me chamavam de Doidinho. E a verdade é que eu não repelia o apelido. Todos tinham o seu. Havia o Coruja, o Pão-Duro, o Papa-Figo. Este era o pobre do Aurélio, um amarelo inchado não sei de que doença, que dormia junto de mim. Vinha um parente levá-lo e trazê-lo todos os anos. Em S. João não ia para casa, e só voltava no fim do ano porque não havia outro jeito. A família tinha vergonha dele em casa. Nunca vi uma pessoa tão feia, com aquele corpanzil bambo de papangu. Apanhava dos outros somente com o grito: – Vou dizer a Seu Maciel! – Mas não ia, coitado. Nem esta coragem de enredo, ele tinha. Dormia com um ronco de gente morrendo e a boca aberta, babando. Às vezes, quando eu acordava de noite, ficava com medo do pobre do Aurélio. Ouvia falar que era de amarelos assim que saíam os lobisomens. Certas ocasiões não podia se levantar, e dias inteiros ficava na cama, com um lenço amarrado na cabeça. E o seu Maciel não respeitava nem esta enfermidade ambulante: dava no pobre também.

(José Lins do Rego. Doidinho.)

a) *Doidinho*, cuja primeira edição é de 1933, é obra inserida no “Regionalismo de 30”. Transcreva um fragmento do texto que apresente algum aspecto ligado a essa tendência, justificando sua escolha.

b) Levante três características da personagem Papa-Figo e, além disso, transcreva um trecho do texto em que fique patente que ela era vítima de intolerância no colégio.

Resolução

a) O movimento classificado como Regionalismo de 30 apresenta diferentes características que podem variar em função dos autores. Jorge Amado, por exemplo, ambienta Capitães da Areia em um cenário urbano, como acontece com Graciliano Ramos em *Angústia*. Por outro lado, o próprio Graciliano ambienta *Vidas Secas* na região do sertão nordestino, o que modifica os conflitos inerentes a cada espaço. O que liga todos os romancistas regionalistas é o manejo com questões que evidenciem uma tensão entre ser-mundo. Tal tensão, segundo Bosi (1969), revela a tensão entre o próprio escritor e a realidade circundante. Nesse sentido, a prosa regionalista reuniu características que retomavam tendências do realismo-naturalismo analisando as relações sociais e a motivações da alma humana por

um lado e usando a literatura para se fazer uma denúncia da realidade.

Nessa obra de Lins do Rego, a tensão entre ser-mundo se revela no nome do próprio narrador Doidinho, que é explicado no seguinte trecho: “Um mês de um duro aprendizado que me custara suores frios. Tinha também ganho o meu apelido: chamavam-me de Doidinho. O meu nervoso, a minha impaciência mórbida de não parar em um lugar, de fazer tudo às carreiras, os meus recolhimentos, os meus choros inexplicáveis, me batizaram assim pela segunda vez.” Além disso, o ar de piedade do narrador com relação ao menino Aurélio pode revelar certa denúncia da violência e da intolerância encontrada no colégio. Esta relação entre ser (narrador-Doidinho) e o mundo (ambiente escolar) revela a tensão entre a vida de Doidinho no engenho e o seu confronto com a urbanidade, que permeia as obras do autor, desde Menino do Engenho até Fogo Morto, obras conhecidas como Ciclo do Açúcar. Lins do Rego revela personagens que tem sua vida modificada pelos acontecimentos históricos e políticos desde o fim do século XIX até o início da década de 30 do século XX, que abalaram o antigo sistema de produção açucareira do nordeste, bem como sua configuração social.

Pode-se pensar ainda no trecho em que Doidinho revela o medo noturno ao olhar para Aurélio: “Ouvia falar que era de amarelos assim que saíam os lobisomens.” Essa consideração revela aspectos regionais da obra, como o folclore e as lendas populares, muito comuns na prosa regionalista de 30.

b) Papa-Figo, como era conhecido o personagem Aurélio, era um rapaz **doente** (“[...] Aurélio, um amarelo inchado não sei de que doença [...]”) **feio** (“[...] Nunca vi uma pessoa tão feia, com aquele corpanzil bambo de papangu”) e **covarde** (“[...] Nem esta coragem de enredo, ele tinha.”), além disso era possível mencionar ainda que o personagem roncava e dormia com a boca aberta (“[...] Dormia com um ronco de gente morrendo e a boca aberta [...]”).

Vale ressaltar que o adjetivo **pobre** usado três vezes pelo narrador para referir-se a Aurélio (“[...] Este era o pobre do Aurélio” | “medo do pobre do Aurélio” | “[...] dava no pobre também.”) não expressa em nenhum momento a ideia de ausência de recursos financeiros, e sim de ele ser um coitado, um rapaz digno de piedade.

Este personagem era vítima de intolerâncias no colégio, indiscutivelmente, como se pode comprovar tanto pela caracterização pejorativa feita pelo narrador e mencionada acima, como também por fatos de violência explícita. Papa-Figo apanhava dos colegas: “[...] Apanhava dos outros somente com o grito” e nem mesmo quando estava doente era deixado em paz: “[...] Certas ocasiões não podia se levantar, e dias inteiros ficava na cama, com um lenço amarrado na cabeça. E o seu Maciel não respeitava nem esta enfermidade ambulante: dava no pobre também”.

QUESTÃO 05

Leia o texto.

Quando chega o dia da casa cair – que, com ou sem terremotos, é um dia de chegada infalível, – o dono pode estar: de dentro, ou de fora. É melhor de fora. E é a só coisa que um qualquer-um está no poder de fazer. Mesmo estando de dentro, mais vale todo vestido e perto da porta da rua. Mas, Nhô Augusto, não: estava deitado na cama – o pior lugar que há para se receber uma surpresa má.

E o camarada Quim sabia disso, tanto que foi se encostando de medo que ele entrou. Tinha poeira até na boca. Tossiu.

– Levanta e veste a roupa, meu patrão Nhô Augusto, que eu tenho uma novidade meia ruim, pr’a lhe contar.

E tremeu mais, porque Nhô Augusto se erguia de um pulo e num átimo se vestia. Só depois de meter na cintura o revólver, foi que interpelou, dente em dente:

– Fala tudo!

Quim Recadeiro gaguejou suas palavras poucas, e ainda pôde acrescentar:

– ... Eu podia ter arresistido, mas era negócio de honra, com sangue só pr’a o dono, e pensei que o senhor podia não gostar...

– Fez na regra, e feito! Chama os meus homens!

Dali a pouco, porém, tornava o Quim, com nova desolação: os bate-paus não vinham... Não queriam ficar mais com Nhô Augusto... O Major Consilva tinha ajustado, um e mais um, os quatro, para seus capangas, pagando bem. Não vinham, mesmo. O mais merecido, o cabeça, até mandara dizer, faltando ao respeito: – Fala com Nhô Augusto que sol de cima é dinheiro!... Pr’a ele pagar o que

está nos devendo... E é mandar por portador calado, que nós não podemos escutar prosa de outro, que seu major disse que não quer.

– Cachorrada!... Só de pique... Onde é que eles estão?

– Indo de mudados, pr’a a chácara do Major...

– Major de borra! Só de pique, porque era inimigo do meu pai!... Vou lá!

(João Guimarães Rosa. A hora e vez de Augusto Matraga.)

a) No sertão de Guimarães Rosa, frequentemente faz-se referência a aspectos de um código de ética, de caráter tradicional, que rege a vida das personagens. Transcreva as duas falas do diálogo em que se menciona uma situação em que esse código não é quebrado.

b) Indique duas palavras ou expressões presentes nos diálogos entre as personagens que não correspondem à norma-padrão da língua. Compare o modo como o autor emprega a língua nos diálogos e no discurso do narrador, explicando as diferenças entre os dois usos.

Resolução

a) O conto “A hora e vez de Augusto Matraga”, da obra Sagarana, revela aspectos que por um lado aproximam os conflitos de Matraga de aspectos místicos e por outro revela discussões morais mundanas que extrapolam o ambiente sertanejo da obra. Nas palavras de Riobaldo, de outro enredo Rosiano, “o sertão é um mundo”.

No fragmento acima duas falas fazem menção a um código de conduto que é respeitado pelas personagens:

– ... Eu podia ter arresistido, mas era negócio de honra, com sangue só pr’a o dono, e pensei que o senhor podia não gostar...

– Fez na regra, e feito! Chama os meus homens!”

Revela-se nesta fala a manutenção do código: o capanga de Matraga, Quim Recadeiro, diante da honra ofendida, denegrida, confrontou seu algoz, derrubando-lhe o sangue. A vingança fora individual e praticada pelo próprio Quim, o que revela a manutenção de um código, em que o ofendido deve duelar com o oponente e o conflito deve-se resolver entre os dois. A resposta de Nhô Augusto revela a justeza do ato.

b) Havia mais de duas palavras que não correspondiam à norma-padrão da língua, de modo que o candidato poderia escolher dentre alguns exemplos:

- “**meia** ruim” (“que eu tenho uma novidade meia ruim [...]” – 3º parágrafo)

Aqui a falta de correspondência à norma-padrão decorre do uso inadequado do adjetivo **meia** (sentido de metade) em detrimento do advérbio **meio** (sentido de “mais ou menos”, imprecisão).

- “**arresistido**” (“[...] ...Eu podia ter arresistido, mas era [...]” – 7º parágrafo)

Neste caso, o verbo prestigiado pela norma-padrão é o “resistir”. A forma apresentada no texto revela-se como um regionalismo e não carrega nenhum tipo de alteração de valor ou sentido.

- “**Fez na regra**” (“[...] – Fez na regra, e feito!” – 9º parágrafo). Embora sintaticamente correto, a expressão tem cunho informal e também é um regionalismo. O sentido usual é compatível com as ideias de “acertar em cheio” (inf.) ou “perceber perfeitamente”.

- “**Cachorrada!**” (“[...] – Cachorrada!... [...]” – 10º parágrafo). Esta é mais uma expressão informal, que remete à canalhada (canalhas).

- “**Só de pique**” (“[...] – Só de pique...” – 10º e 12º parágrafo). Mais um regionalismo, que apresenta como possível equivalente na norma-padrão o uso de termos como “propositadamente” ou ainda expressões como “Apenas por teimosia”.

GEOGRAFIA

QUESTÃO 06

Agronegócio (também chamado de *agrobusiness*) é o conjunto de negócios relacionados a toda cadeia produtiva da agricultura e da pecuária. O aprimoramento do agronegócio barateou o custo dos alimentos e deu à população um maior poder de consumo e de escolha, mas também trouxe vários problemas, principalmente ligados às questões ambientais e sociais.

a) Cite três importantes produtos do agronegócio brasileiro.

b) Mencione dois problemas ambientais e dois problemas sociais gerados por essa atividade econômica.

Resolução

a) Soja, laranja e cana-de-açúcar.

b) Fatores ambientais que podem ser citados: desmatamento, perda da biodiversidade, esgotamento do solo devido à monocultura,

poluição hídrica devido ao uso excessivo de fertilizantes, morte dos lençóis freáticos devido à compactação do solo com a mecanização.

Problemas sociais: aumento da concentração fundiária, desemprego rural com a mecanização agrícola, êxodo rural e transferência dos problemas do campo para a cidade, tais como aumento da favelização, do desemprego urbano e da marginalidade social e criminoso. Aumento da fome devido à elevação do preço dos alimentos, com a redução dessas culturas para o mercado interno.

QUESTÃO 07

Comparando-se dois momentos do processo de industrialização brasileira, a década de 1930 e a década de 1950, responda:

- Quais são as diferenças, com relação ao mercado externo, entre esses dois momentos?
- Quais transformações a industrialização trouxe para a organização espacial brasileira?

Resolução

a) Com a crise de 1929, o fim da cafeicultura brasileira e a saída da oligarquia agrária do poder, o governo de Getulio Vargas inicia uma política de substituição de importações de manufaturas e o foco volta-se para o mercado interno, com o estímulo das indústrias de bens de consumo não-duráveis e o projeto de criação de indústrias de base (concretizado na década de 1940).

Na década de 1950, em especial durante o governo JK, o capital internacional traz suas unidades de produção para o Brasil, objetivando a fabricação de bens de consumo duráveis. Por exemplo, no ano de 1959 vieram 11 indústrias automobilísticas para o Brasil, instalando-se na região do ABC paulista.

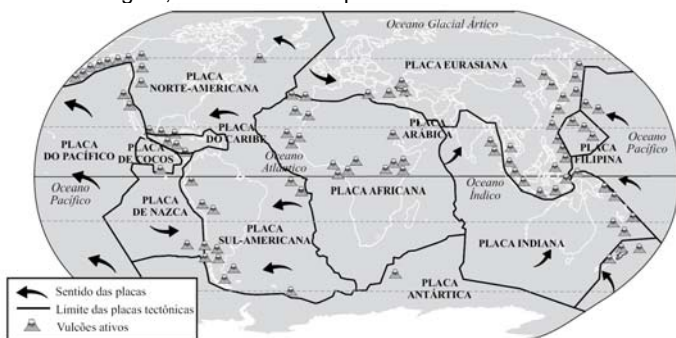
b) Até a década de 1980, a industrialização reforçou a concentração da população e da melhor infra-estrutura no triângulo São Paulo/Rio de Janeiro/Belo Horizonte. Também reforçou o processo de metropolização dessas cidades.

Depois da década de 1980, iniciou-se a desconcentração industrial, com a fuga de unidades de produção para o interior dos estados do Sudeste e para outras regiões, como o Nordeste. Inicia-se então, a desmetropolização da cidade de São Paulo e o crescimento de cidades médias, como Campinas e Ribeirão Preto.

Podemos concluir que a industrialização levou à maior integração do espaço brasileiro, seja pelo deslocamento das unidades produtivas, seja pela interligação dos centros de consumo e produção promovida pelos meios de transporte e comunicação.

QUESTÃO 08

Observe a imagem, leia o texto e responda.



(<http://revistascola.abril.com.br>)

De acordo com a teoria das placas tectônicas, a crosta terrestre está dividida em placas de espessura média de 150 km, que flutuam sobre o substrato pastoso, a astenosfera.

(Almeida e Rigolin, 2005. Adaptado.)

- Qual a relação existente entre a teoria da deriva dos continentes e a teoria das placas tectônicas?
- Quais são os três tipos de limites entre as placas tectônicas?

Resolução

a) A Deriva das Placas de 1912-1915 defendia a existência de um único continente (Pangea) que se fragmentou, dando origem aos continentes atuais. Porém, ela não conseguia explicar como e porquê isso ocorria.

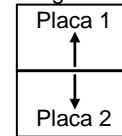
A Teoria das Placas Tectônicas, da década de 1960, comprovou cientificamente a teoria da Deriva Continental e a existência da Pangea, tendo a fragmentação ocorrido na era mesozóica. Esta teoria estabelece como causa do movimento das placas as correntes convectivas do magma.

b) Os três limites entre as placas tectônicas são:

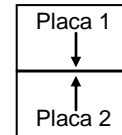
1. Transformante ou conservativa: quando duas placas tectônicas deslizam lateralmente uma na outra ao longo de falhas transformativas, conforme ilustra a figura abaixo. Por exemplo, o terremoto que ocorreu em 2010 no Haiti foi causado por esse movimento entre as placas norte-americana e caribenha.



2. Orogenético divergente: quando duas placas tectônicas se afastam, rasgando a litosfera, provocando a ascensão do magma e o aparecimento de assoalho oceânico, conforme ilustra a figura a seguir. Por exemplo, as placas sul-americana e africana que, ao fazerem esse movimento, dão origem à Dorsal Meso-Atlântica.



3. Orogenético convergente: quando duas placas tectônicas se chocam, provocando o aparecimento de dobramentos modernos e zonas de subducção (veja a figura). Por exemplo, as placas sul-americanas e de Nazca que, em 2010, ao fazerem esse movimento provocaram terremoto no Chile.



QUESTÃO 09

As últimas duas décadas foram marcadas pela ocorrência de vários conflitos de caráter étnico, religioso e separatista. O atentado ao metrô de Moscou, em março de 2010, fez ressurgir o movimento separatista da Chechênia.

Sobre essa temática, responda.

- Qual a localização geográfica da Chechênia?
- Cite as principais causas desse conflito.

Resolução

a) A Chechênia é uma república russa e localiza-se na região do Cáucaso, entre a Europa e a Ásia, e os mares Negro e Cáspio.

b) A população muçulmana da Chechênia deseja-se separar-se da Rússia (onde o poder político e econômico está nas mãos da população eslava e cristã ortodoxa), ao qual foi anexada durante o processo de formação da URSS.

Com o fim da URSS em 1991 e a independência das 15 repúblicas que a formavam, a esperança de diversos grupos étnicos que estão hoje dentro da República da Rússia, e, principalmente dos separatistas chechenos, reacendeu.

A Rússia reprime fortemente o movimento separatista checheno por duas razões:

1º) A região do Cáucaso é altamente estratégica devido a grande riqueza em petróleo e gás natural, além de ser passagem de dutos que transportam essas fontes de energia da bacia do Cáspio para a Turquia e, daí, para o Ocidente.

2º) Se a Chechênia conseguir a independência, dará início ao chamado “efeito dominó”, ou seja, outros grupos étnicos que habitam a Rússia recrudescerão a luta pela sua própria independência, colocando em risco a integridade física do território russo.

QUESTÃO 10

Clima corresponde à sequência cíclica das variações das condições atmosféricas, no decorrer do ano. É essa sequência que nos permite afirmar o tipo climático de alguma região. Por influência de alguns fatores, o clima não é o mesmo em todo o planeta.

- Quais são os elementos que compõem o clima?
- Quais os principais fatores modificadores do clima?

Resolução

a) Os elementos que compõem o clima são: temperatura, umidade, pressão atmosférica e radiação solar.

b) Os fatores modificadores do clima são: altitude, latitude, correntes marítimas, continentalidade/maritimidade, vegetação, relevo e massas de ar.

HISTÓRIA

QUESTÃO 11



A arte do Egito Antigo, além de estar inteiramente ligada às crenças religiosas, apresenta muitas informações sobre a sociedade da época.

- a) Qual fator geográfico propiciava, numa região cercada por deserto, a atividade produtiva representada pela imagem?
b) Que significado religioso tinha para os egípcios a representação de cenas da vida cotidiana nos túmulos?

Resolução

a) O fator geográfico em questão é o Rio Nilo, um grande rio do nordeste do continente africano que nasce a sul da linha do Equador e deságua no Mar Mediterrâneo. Foi ele quem sustentou todo o florescimento daquela civilização, inclusive a atividade agrícola representada pela figura, uma vez que aquela civilização era localizada em uma região desértica e o rio, por meio de seu sistema de cheias e vazantes anuais, consolidou a estruturação daquela sociedade antiga.

b) Os egípcios acreditavam na vida após a morte, pois achavam que o ser humano era formado por um Ka (o corpo) e por Rá (a alma). Para eles, no momento da morte, a alma (Rá) deixava o corpo, mas ela podia continuar a viver no reino de Osíris ou de Amon-Rá. Isso seria possível somente se fosse conservado o corpo que devia sustentá-la. Daí vinha a importância de embalsamar ou mumificar o corpo para impedir que o mesmo se decompusesse. O túmulo era como uma habitação de um vivo, com móveis e provisões de alimentos. As pinturas das paredes, como a referida pela questão, representavam cenas do cotidiano do morto. Eles acreditavam nos poderes mágicos dessas pinturas, pois achavam que a alma do morto se sentia feliz e serena ao contemplá-las.

QUESTÃO 12

Chegamos à terra dos Ciclopes, homens soberbos e sem leis (...) Não têm assembleias que julguem ou deliberem, nem leis; vivem em grutas, no cimo das altas montanhas: e cada um dita a lei a seus filhos e mulheres, sem se preocupar uns com os outros.

(Homero. Odisseia, Século VIII a.C.)

Parece-me gente de tal inocência que, se homem os entendesse e eles a nós, seriam logo cristãos, porque eles não têm nem entendem nenhuma crença, segundo parece. E, portanto, se os degredados que aqui hão-de ficar aprenderem bem a sua fala e os entenderem, não duvido, segundo a santa intenção de Vossa Alteza, fazerem-se cristãos e crerem na nossa santa fé, à qual praza a Nosso Senhor que os traga, porque, certo, esta gente é boa e de boa simplicidade e imprimir-se-á [facilmente] neles qualquer cunho que lhes quiserem dar.
(Pero Vaz de Caminha. Carta a el-rei dom Manuel sobre o achamento do Brasil, 1.º de maio de 1500.)

Os textos apresentados expressam valores próprios às sociedades em que foram produzidos: a Grécia da antiguidade e a ibérica do século XV.

a) Que diferença de valores pode ser constatada entre essas sociedades, a partir dos textos?

b) Além do objetivo expresso pela Carta de Caminha, a colonização portuguesa do Brasil teve uma clara finalidade econômica. Qual finalidade era essa?

Resolução

a) Só podemos identificar os valores gregos da antiguidade no primeiro texto se observarmos que o trecho trata do episódio no qual o personagem Ulisses chega à terra dos Ciclopes e se surpreende com

as diferenças existentes ali em relação às póleis gregas da antiguidade.

Nessas cidades-Estado, a Política estava sempre em evidência e elas geralmente estavam estruturadas em um regime político caracterizado pela existência de assembleias, a participação direta dos cidadãos e a não separação das instancias judiciais dos outros órgãos de governo.

Já o segundo texto deixa em evidência a forte religiosidade da sociedade européia nesse período de transição da Idade Média para a Idade Moderna, no qual, apesar de não ter mais o total controle da sociedade, a Igreja católica continuava extremamente influente e, no processo de expansão marítima, por exemplo, concedeu toda base ideológica do empreendimento que foi justificado como uma ação pela expansão do cristianismo.

Além disso, observamos uma diferença na relação desses povos em relação ao "outro". Na obra ficcional de Homero, o personagem ao se deparar com uma civilização diferente, a caracteriza de forma depreciativa, como homens "sem leis" e sem preocupações coletivas. Enquanto Pero Vaz de Caminha enaltece as características dos povos nativos da América, afirmando que se tratam de "gente boa".

b) Além do fator religioso, a expansão marítima européia teve um claro caráter econômico. Todo esse processo teve como base a política econômica mercantilista, que predominava entre os estados europeus naquele momento, inclusive em Portugal. Essa política pretendia o enriquecimento de tais países através do intervencionismo, metalismo, manutenção da balança comercial favorável, protecionismo e colonialismo. Através do acúmulo de metais preciosos, os ibéricos pretendiam dinamizar todo o comércio interno e externo, que até então era realizado usando os próprios metais como moeda. Outro objetivo era descobrir uma nova rota marítima em direção ao Oriente, onde se encontravam muitos produtos cobiçados no mercado europeu, como especiarias, porcelana e tecidos finos, quebrando assim o monopólio exercido até então pelos italianos que dominavam as rotas pelo Mediterrâneo. No caso específico do Brasil e algumas ilhas no norte da África, foi adotado um sistema de produção denominado *plantation*, caracterizado pelo latifúndio, monocultura, produção voltada pro mercado externo (Europa) e escravidão (cujo tráfico também rendeu altíssimos lucros para os comerciantes ibéricos). Por fim, outro fator importante, foi o estabelecimento do Pacto Colonial, regime de monopólio que determinava o controle da Metrópole sobre a economia colonial, que deveria ser complementar e nunca concorrente a da Metrópole e também estabelecia uma submissão, já que as companhias portuguesas cobravam preços abusivos no que vendiam e pagavam o preço mínimo no que compravam aqui.

QUESTÃO 13

(...) o paulista nunca se afez às coisas do mar. É homem do interior. A palavra interior é das que mais usa o paulista. É no sertão que está a terra boa e não na beirada do oceano, como no Norte.

(Rubem Borba de Moraes. Prefácio do livro de Saint-Hilaire, *Viagem à província de São Paulo*, 1819.)

O texto alude às diferenças históricas existentes entre São Paulo e o Norte do Brasil (atual Nordeste brasileiro), que remontam ao início da colonização portuguesa.

a) Quais condições geográficas e econômicas favoreceram a colonização litorânea de Pernambuco e do Recôncavo baiano nos séculos XVI e XVII?

b) Explique a razão da rápida ocupação econômica do Oeste Velho paulista, a partir de 1830.

Resolução

a) Já que os portugueses não encontraram ouro em grandes quantidades nos primeiros momentos da colonização, a solução encontrada para que pudessem lucrar com sua nova colônia foi aproveitar-se das condições de solo e clima aqui que, por serem diferentes daquelas da Metrópole, iriam proporcionar a produção de mercadorias inusitadas no mercado europeu e, com certeza, atingiriam bons preços. Nessas condições, e aproveitando da experiência que já tinham nesse ramo, os portugueses escolheram o investimento no açúcar para dar início à exploração colonial no Brasil.

Sempre utilizando do sistema de *plantation* (latifúndio, monocultura, produção focada no mercado externo e escravidão), os primeiros engenhos foram instalados em São Vicente, mas a produção só prosperou acentuadamente no Nordeste, especialmente em Pernambuco e na Bahia entre outras causas, devido à maior proximidade com o mercado consumidor, o europeu. Isso, na época, representava cerca de 20 dias a menos de viagem.

Como era focada no mercado, essa produção concentrou-se no litoral tendo em vista a necessidade de estar próxima aos portos. Além disso, o relevo do litoral nordestino (80 km de planície do litoral em direção ao sertão) não apresenta os acidentes característicos do litoral de São Vicente. Em relação ao solo, o de massapé, característico do litoral nordestino, apresentou as condições ideais para a produção da cana-de-açúcar.

b) Até o século XIX, o sertão paulista era apenas um local de trânsito para bandeirantes, religiosos, tropeiros e comerciantes. Fixos, apenas povos indígenas. Entretanto, com a expansão do café, que até então ocupava apenas a baixada fluminense e o vale do Paraíba, o interior paulista vai se tornando o maior centro econômico do país.

Apresentando um relevo mais plano que o do litoral e um solo com sedimentos vulcânicos (basalto), o oeste paulista foi o local ideal para a produção do café.

Inicialmente foi adotado o mesmo sistema de produção que a cana-de-açúcar, *plantation*, e as fazendas iam devastando e ocupando uma área até então ocupada por povos indígenas que foram as maiores vítimas desse processo.

Na medida que o café expandia, outras mudanças marcaram essa ocupação, como a chegada dos imigrantes europeus que, aos poucos, substituíram a mão de obra escrava, e a construção de ferrovias, fundamentais para transportar o café até o porto, já que a produção abastecia o mercado europeu e norte-americano.

A grande aceitação que o café foi tendo nessas mercados foi outro fator fundamental para o aumento acentuado da sua produção pelo interior de São Paulo.

QUESTÃO 14

Numa quinta-feira, 24 de outubro de 1929, 12.894.650 ações mudaram de mãos, foram vendidas na Bolsa de Nova Iorque. Na terça-feira, 29 de outubro do mesmo ano, o dia mais devastador da história das bolsas de valores, 16.410.030 ações foram negociadas a preços que destruíam os sonhos de rápido enriquecimento de milhares dos seus proprietários. A crise da economia capitalista norte-americana estendeu-se no tempo e no espaço. As economias da Europa e da América Latina foram duramente atingidas. Franklin Delano Roosevelt, eleito presidente dos Estados Unidos em 1932, procurou combater a crise e os seus efeitos sociais por meio de um programa político conhecido como *New Deal*.

a) Identifique dois motivos da rápida expansão da crise para fora da economia norte-americana.

b) Caracterize de maneira geral o *New Deal* e apresente uma de suas medidas de combate à crise.

Resolução

a) A Grande Depressão, também conhecida como Crise de 1929, foi uma grande retração econômica que teve início em 1929 nos EUA, e que seguiu ao longo da década de 1930, contaminando a economia mundial e terminando apenas com a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Este período de depressão econômica causou altas taxas de desemprego, queda do produto interno bruto e da produção industrial de diversos países. Dentre os fatores que podemos enumerar para a expansão dessa crise, estão a grande dependência da economia mundial em relação à estadunidense e a interligação dos fluxos de capital que já experimentava a economia mundial naquela fase do capitalismo monopolista-financeiro, fazendo com que a crise iniciada na nação mais rica se espalhasse pelo globo. Podemos também citar que a referida crise acabou por afetar o Brasil, pois éramos grandes exportadores de café, produto considerado supérfluo dentro de um contexto de crise mundial do capitalismo. Tal fator leva à crise da República Oligárquica, sustentada justamente por aquele produto, levando Getúlio Vargas ao poder, em 1930. É justamente na Era Vargas que o Brasil inicia um processo claro de industrialização gerida pelo Estado.

b) O *New Deal* foi o nome dado à política econômica do presidente estadunidense Franklin Roosevelt (1933-1945), baseada nas ideias do economista John Maynard Keynes (1883-1946), que visavam combater a grande depressão iniciada em 1929. Em termos gerais, empregou a intervenção do Estado na economia, algo que não era comum às grandes nações industrializadas, ligadas ao liberalismo clássico, calcado na distância do Estado das relações de mercado. Algumas medidas adotadas por Roosevelt foram: a diminuição da jornada de trabalho, com o objetivo de gerar novos empregos, criou-se também o seguro-desemprego. Além disso, houve o investimento maciço em obras públicas. O governo investiu na construção de usinas hidrelétricas, barragens, pontes, hospitais, escolas e aeroportos. Tais obras geraram uma série de novos empregos. O

Estado também realizou o controle sobre os preços e a produção, com o objetivo de evitar a superprodução na agricultura e na indústria. Finalmente, podemos citar a destruição dos estoques de gêneros agrícolas, como algodão, trigo e milho, com o objetivo de conter a queda de seus preços.

QUESTÃO 15

Comemora-se em 2010 o centenário de nascimento do compositor Adoniran Barbosa. “Saudosa Maloca”, de 1955, e “Trem das Onze”, de 1964, estão entre as mais significativas de suas composições.

“Saudosa Maloca”: *Ali onde agora está/ Esse edifício arto,/ Era uma casa veia,/ Um palacete assobradado,/ Foi ali seu moço,/ Que eu, Mato Grosso e o Joca,/ Construímos nossa maloca,/ Mas um dia, nós nem pode se alembra,/ Veio os home, com as ferramenta,/ E o dono mandô derrubá.*

“Trem das Onze”: *Não posso ficar nem mais um minuto com você/ Sinto muito amor, mas não pode ser/ Moro em Jaçanã,/ Se eu perder esse trem/ Que sai agora às onze horas/ Só amanhã de manhã.*

a) As composições de Adoniran Barbosa expressam o processo de urbanização da sociedade, que se intensificou nos anos 50 do século passado. Cite duas causas do crescimento das cidades brasileiras a partir dessa data.

b) As letras de “Saudosa Maloca” e de “Trem das Onze” descrevem os problemas e as dificuldades sociais gerados por essa urbanização. Que problemas sociais são apresentados nessas composições?

Resolução

a) O projeto de industrialização inaugurado pela Era Vargas (1930-1945), ligado fundamentalmente às indústrias de base fundadas pelo Estado, tais como a Vale do Rio Doce e a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), marcou o início do processo de industrialização do país e, como as principais indústrias estavam localizadas nas grandes capitais, acabou gerando uma intensificação do êxodo rural e da urbanização sem planejamento de nossas cidades. Nos anos de 1950, esse situação foi ampliada pela política do presidente Juscelino Kubitschek (1956-1961), ligadas ao lema “50 anos em 5” e à construção de uma nova capital, Brasília. O seu plano de metas, calcado em indústria, transporte, energia, educação e alimentos, gerou o chamado nacional desenvolvimentismo. Na verdade, um plano de substituição de importações, ligado à abertura da economia nacional às grandes multinacionais, especialmente a automobilística. Em seu governo foram inauguradas a Volks, a Ford, a GM e a Willys, gerando pólos atrativos de mão-de-obra, principalmente na região do ABC paulista, São Paulo e Rio de Janeiro, fatores que ampliaram o êxodo rural e o crescimento desordenado dessas grandes cidades.

b) O processo de industrialização e urbanização acentuado, vivido pelo Brasil durante os anos 50, veio acompanhado do agravamento da desigualdade social no país. Exemplo disso é que na execução do “Plano de Metas” do governo J.K., as metas sociais (educação e alimentação) não foram alcançadas.

A primeira canção citada retrata como os menos favorecidos foram obrigados a mudar-se para áreas mais afastadas dos centros das cidades, já que essas áreas passaram a sediar as habitações da classe média, além de escritórios comerciais e de serviços.

A segunda canção também demonstra essa mesma situação, mas acrescenta um outro problema: a carência dessas populações periféricas em relação ao transporte, já que dificilmente possuem um veículo próprio e sofrem com a precariedade do transporte público.

Além disso, o compositor faz uso de um recurso de linguagem que evidência a carência em termos de educação formal, pois apresenta termos que não representam a forma culta da língua, como: “arto”, “véio”, “noís”, “alembra”, etc, que são alvo de preconceito das elites dominantes.

Equipe desta resolução

Geografia

Fábio Bacchiegga
Lúcia Regina Brocanelo Gentil

História

André Gustavo Bengtson
Guilherme Maglio

Português

Gabriela Dias Lourenço dos Santos
Vitor Hugo Haidar da Silva

Revisão

Eliel Barbosa da Silva
Fabiano Gonçalves Lopes
Marcelo Duarte Rodrigues Cecchino Zabani
Vagner Figueira de Faria

Digitação, Diagramação e Publicação

Carolina Marcondes Garcia Ferreira
Gabriel Araújo de Lima